

A construção das identidades amazônicas: levantamentos nos anais da Intercom¹

Diogo Silva Miranda de MIRANDA²

Regina Lúcia Alves de LIMA³

Universidade Federal do Pará, UFPA

RESUMO

É possível conceber que exista uma “identidade amazônica”? A luz da Pós-Modernidade essa questão se torna necessária diante das matrizes que se desvelam ao passo que as novas tecnologias se inserem dentro da Amazônia. A proposta marca o início de uma jornada que busca compreender como a concepção de identidade dialoga com a cibercultura e como permitem observar a construção de novas identidades que qualificam a realidade híbrida existente no espaço amazônico.

PALAVRAS-CHAVE: identidade; cibercultura; Amazônia; Pós-Modernidade; anais da Intercom.

Introdução: alguns passos no escuro

A conjuntura do mundo contemporâneo revela um cenário em modificação das relações humanas em todas as suas atividades. Vêm-se assistindo nos últimos séculos a um esgotamento do projeto de Modernidade, que em suas formas mais extremas, contemplou o mundo com totalitarismos e regimes políticos extremistas de violação do sujeito, um imperativo crescimento tecnológico e conseqüentes desastres ambientais, a falência de projetos éticos e estéticos, a falha no processo de descolonização etc (RODRIGUES, 2010). Em meio a esse colapso, o que se caracterizou como Pós-Modernidade, segundo Rodrigues (2010, p. 51), pode ser mais bem compreendido como “...um movimento que procura pensar e compreender os múltiplos impasses que a nossa experiência moderna chegou...” do que propriamente uma nova era da vivência humana.

¹ Trabalho apresentado no GP Cibercultura do XII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia – UFPA. E-mail: diogo.sm2@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora em Comunicação e Cultura vinculada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia – UFPA. E-mail: rebacana@gmail.com

Se o projeto iluminista da Modernidade procurou romper com o tradicionalismo, buscando uma forma de conceber a experiência humana a partir de um saber cartesiano, prático, de comprovação, a Pós-Modernidade representa uma nova ruptura, dessa vez com os altos valores modernos. Esses argumentos norteiam parte do trabalho de inúmeros pesquisadores como o próprio Adriano Duarte Rodrigues (2010) ou mesmo André Lemos (2010).

Nesse sentido, é possível perceber como a Pós-Modernidade resgata a experiência da tradição levantada por Rodrigues (2010). Para o autor, na sociedade contemporânea existe esse esforço em resgatar a forma de compreender os fenômenos da sociedade como experiências completas, em sua totalidade. Esse esforço é refletido em todas as esferas da sociedade, da compreensão de comunidade, passando pela comunicação e alcançando a constituição das culturas e das identidades.

Lemos (2010, p. 67) resgata estes preceitos e destaca que toda a forma de concepção do mundo moderno está posta em xeque. A cibercultura, fenômeno pertencente à pós-modernidade, se caracteriza principalmente por essa ruptura, por essa inversão, onde “...a sensação mítica do primitivo é reconectada à sociedade tecnológica”. Diante das tecnologias digitais e da formação do ciberespaço (internet), o mundo fica marcado pelo potencial social e comunitário da rede, servindo-se das experiências de retribalização da sociedade pelas possibilidades de interatividade que a interface proporciona.

Desta forma, este breve estudo buscará compreender o fenômeno da cibercultura como uma proposta própria da pós-modernidade, capaz de ampliar a comunicação e colaborar para a construção de novas identidades. Em específico, dentro da Amazônia, cenário de particularidades muito específicas dentro da Pós-Modernidade.

Uma perspectiva entre identidade e cibercultura

Dentro da perspectiva de Stuart Hall (2006; 2009), é possível conceber os riscos de uma homogeneização que a Modernidade implicou sobre cultura e identidade, da prevalência de uma forma de visão de mundo sobre a sociedade mundial. Entretanto, o autor revela que, a partir do pós-colonialismo, isto é, desta fase da cultura contemporânea, a sociedade se permite uma dinâmica em sua formação que altera a maneira de se compreender o indivíduo.

A exemplo da diáspora caribenha, as sociedades contemporâneas partilham experiências de hibridação de suas identidades pelo fluxo migratório de povos e culturas

para dentro das fronteiras nacionais (HALL, 2009). Um processo que podemos compreender como ainda mais dinamizado se observada a cibercultura como fator exponencial para esse processo (LEMOS, 2010). O fenômeno da internet – e todas as suas performances interativas de conexões de espaços e reduções de tempo – permitiu o desenvolvimento de um acontecimento diáspórico, na medida em que observamos a ampliação do contato com o diferente, a transposição das barreiras geográficas de forma instantânea e a construção de novas comunidades (virtuais) baseadas na identificação, na experiência compartilhada.

A cibercultura forma-se, precisamente, da convergência entre o social e o tecnológico, sendo através da inclusão da socialidade na prática diária da tecnologia que ela adquire seus contornos mais nítidos... A cibercultura que se forma sob os nossos olhos, mostra, para o melhor ou para o pior, como as novas tecnologias estão sendo, efetivamente, utilizadas como ferramentas de uma efervescência social (compartilhando emoções, de convivialidade e de formação comunitária) (LEMOS, 2010, p. 88-89).

Nesse sentido, é possível concordar com Hall (2006) que a percepção da “identidade” como única, rígida, perene, é desconstruída na sociedade atual. Rompe-se com a visão metafísica para alcançar todo o processo sociocultural que corrobora para a construção de um sujeito descentrado, múltiplo em suas identidades. Essa identidade do sujeito pós-moderno apresenta um indivíduo possuidor de várias identidades, reflexo das paisagens sociais que observamos cada vez mais provisórias, principalmente diante da cibercultura. Assim, “o próprio processo de identificação... tornou-se cada vez mais provisório, variável e problemático” (HALL, 2006, p. 12).

Esta “ciberdiáspora”, a nova saída que o sujeito realiza de seu lugar de origem, o contato com o diferente permite uma nova tensão entre as diferenças culturais. É a criação deste (ciber)espaço que permite a construção de novas hibridações das identidades, tornando a expressão da cultura nova e única. André Lemos (2010, p.) faz uso da metáfora de “ponte”, aquilo que leva em direção ao outro, e “porta”, as escolhas tomadas pelo sujeito que opta por parte de sua individualidade, para elucidar as dinâmicas de retribalização que existem na rede.

Em linhas gerais, a cibercultura – compreendida como “...conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p. 17) – proporciona essa “ciberdiáspora”, um espaço aberto potencializador da interação e da

comunicação, do compartilhamento das experiências, uma fronteira (VELHO *apud* CASTRO, 2010a) que proporciona a tensão entre as diferenças e a construção de novas concepções de identidade.

A ideia “Amazônia”

De acordo com a perspectiva de Rodrigues (2010, p. 60), “Todas as sociedades têm a sua própria modernidade...” e, sob esta ótica, a Amazônia também viveu sua modernidade e teve sua participação no projeto da Modernidade. Historicamente, a região é tratada como um fenômeno único, concreto. A própria concepção de “região” leva a crer nessa coerência de igualdade social e cultural, afirma Castro (2010b). Das primeiras investidas coloniais ao plano de integração proposto pelo governo militar, o discurso da Modernidade cristalizou o senso comum e a forma como concebemos “o pulmão do mundo”, como uma área de vazão humano, de pessoas incultas, de grande riqueza natural que necessita ser desenvolvida (DUTRA, 2009).

Dutra (2009) demonstra que parte dessa concepção é fruto dos discursos da mídia hegemônica sobre a região amazônica, reforçando estereótipos sobre o homem que nela habita, seu modo de vida, sua relação diferenciada com o tempo e com a natureza etc. Um discurso que reforça a ação colonizante sobre a região e reativa os preconceitos sobre a realidade local. Entretanto, é possível perceber que tal concepção é superficial e não abarca toda a pluralidade do espaço. Castro (2010b, p. 4), ao ressaltar as particularidades naturais do território, demonstra que é impossível conceber a região de forma homogênea, limítrofe às fronteiras regionais e políticas, dada a complexidade ambiental e a variedade de vozes e identidades existentes inseridas dentro deste espaço.

O complexo hidrológico Solimões-Amazonas e a floresta tropical úmida... são determinantes da paisagem constituída em uma área com cerca de 7 milhões de km² e influenciam uma área contígua, composta por sistemas hidrológicos diversos... mata de cipó, mata aberta de bambu, matas serranas, mata seca, campinaranas, floresta de várzea, igapó, manguezais e cerrado... Esta coerência complexa, por assim dizer, torna-se mais complexa, talvez, com a sobreposição das dinâmicas antrópicas que atuam sobre o espaço... pode-se mapear, na Amazônia atual, dentre essas populações tradicionais, 170 diferentes povos indígenas, com uma população de 180 mil indivíduos; 375 comunidades provenientes de antigos quilombos e mais de 15 mil diferentes comunidades de ribeirinhos, seringueiros, castanheiros, balateiros, babaqueiros, entre outros (CASTRO, 2010b, p.4).

O que se percebe é que, ao se tratar de Amazônia, fala-se de uma infinidade de ecossistemas naturais e culturais que ocupam simultaneamente o norte do país, e a chegada

da Modernidade, durante os anos 1960 na tentativa de integrar o território, também contribuiu para que as últimas décadas do século XX fomentassem “...o questionamento identitário, o qual encontrou, nas circunstâncias que regem o plano internacional [o movimento da pós-modernidade], um momento favorável para se desenvolver” (CASTRO, 2010b, p. 2).

Observada à luz da cibercultura, percebe-se que há um rompimento com esse discurso sobre a Amazônia, que se configura pela possibilidade – mas também pela natureza comunicativa que existe no processo interativo – de novos processos de identificação, proporcionado pela internet. A hibridação dessas identidades e dessas culturas dentro da Amazônia representa o tensionamento proposto por Rodrigues (2010) que constrói o diálogo e novos processos de identificação no mundo atual.

Novas perspectivas e novos pontos de vista

É preciso destacar que a própria internet (ciberespaço) é caracterizada pela renovação constante de suas particularidades e funcionamento. Do início dos anos 2000 aos dias de hoje, a rede passou por inúmeras transformações e a cada passo se fez necessário o acompanhamento das mudanças pela sociedade (SODRÉ, 2010). Na primeira década deste século, é possível perceber uma nova dinâmica dentro do ciberespaço que favoreceu ainda mais o processo de interação na internet.

...no final do século XX, as ações das empresas que trabalhavam com a internet (ditas “pontocom”) passaram a ter muito valor, embora a maioria das vezes tivesse lucro inexpressivo ou até operasse no vermelho... Evidentemente, isto não poderia durar muito tempo... muitas das empresas ditas “virtuais” terminaram em falência, são expulsas do mercado por aquelas que efetivamente dispunham de sustentação no mundo “real-histórico” (SODRÉ, 2010, p. 18)

A situação descrita acima, conhecida como “bolha da internet”, marcou a forma como vivenciamos a internet que conhecemos hoje por web 2.0 que, em síntese, pode ser compreendido como a dinâmica que os sites basearam a sua nova estrutura de construção na colaboração com o usuário para reduzir custos e produzir interação entre os participantes (SPYER, 2009). Ou seja, um compartilhamento de informações e experiências, uma forma de construir e compreender a rede como uma verdadeira “prótese” (LEMOS, 2010), como uma extensão do homem – não como apenas um objeto associado, mas no sentido de simbiose, como um prolongamento da capacidade humana que naturaliza o objeto. Algo que configura uma nova *bios* (SODRÉ, 2010), que constrói as identidades do sujeito pós-

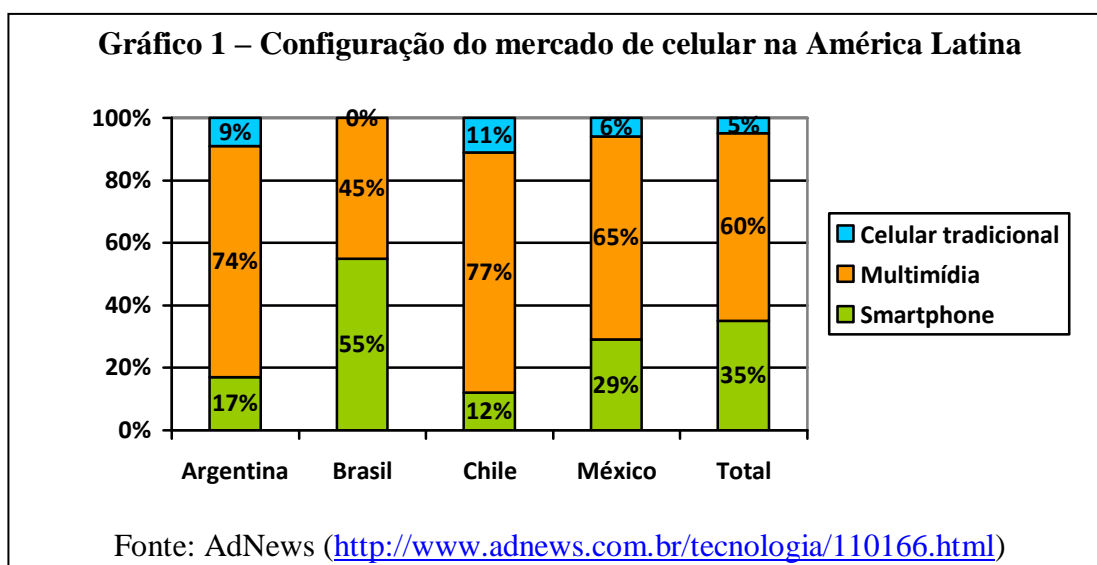
moderno a partir da relação que se cria com os meios de comunicação, que em nosso caso extravasa para o campo real e o reconfigura com novas dinâmicas sociais.

Encarar a cibercultura como espaço de interação potencial para favorecer o tensionamento (RODRIGUES, 2010) ou a constituição dessa zona de fronteira (VELHO *apud* CASTRO, 2010a) que configure a construção de novas identidades, significa compreendê-la como espaço que permite a troca entre processos sociais diferentes. E, dentro desse cenário, a Amazônia também se insere nessa nova dinâmica.

Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – revelam que o número de computadores cresceu nos últimos dez anos. Hoje, são quase três vezes mais que o registrado em 2000, alcançando quase 22 milhões de residências no Brasil (A REDE, 2012)⁴, dos quais 31% estão conectados a rede. De acordo com a pesquisa, dos quase 4 milhões de residências da região Norte, apenas 22,7% possuem computador, mas o acesso a internet alcança 68% das moradias, um índice baixo se comparado com São Paulo, onde o acesso alcança 84% das moradias, com banda larga, ou com o Nordeste, penúltima colocada entre as regiões brasileiras, com um acesso pouco superior à 70%.

Mesmo em um processo mais lento que em outras regiões do país, a Amazônia participa do processo. O fator se deve a outro crescimento registrado na mesma pesquisa: a massificação da telefonia celular e de seus serviços. Os valores indicam que 87,9% das residências brasileiras têm aparelho celular ou fixo, mas em 83,1% dessas existe a presença da telefonia móvel. Outros dados paralelos também indicam o crescimento no consumo do serviço de acesso a internet por meio da telefonia móvel de uma forma geral, pois inúmeras notícias em sites jornalísticos e de economia demonstram o crescimento desse setor, que já se configura como palco de disputas entre os principais fabricantes e vendedores de celulares e *smartphones*. O próprio Brasil se revela um grande consumidor dessa tecnologia de uma maneira geral, liderando o consumo na América Latina (Gráfico 1).

⁴ A pesquisa foi apresentada no site da Revista A Rede e é referente ao levantamento realizado pelo Censo 2010. Assim, é provável que muitos números já tenham se alterados nesses dois anos passados da realização da pesquisa.



Sob a ótica acadêmica

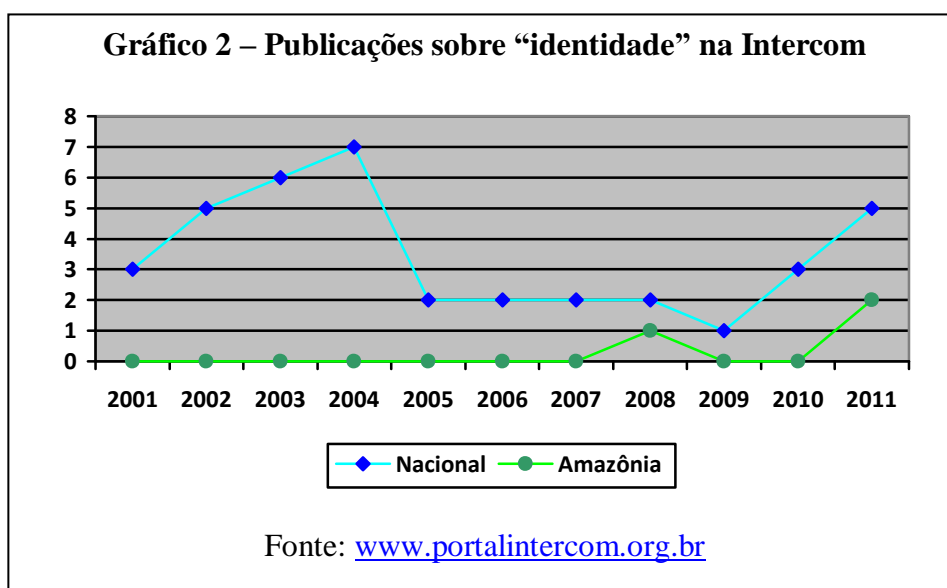
Hoje, a Amazônia – concebida homogeneamente dentro da Modernidade – se revela a cada instante mais diversa, particular, dinâmica e caótica. Como demonstra Castro (2010a), o processo de integração do território incitou as comunidades (reais e/ou virtuais) ao questionamento indentitário, evidenciando diferenças culturais que coabitam o mesmo cenário. Revelam o fenômeno pós-moderno que pode ser percebido pelo crescente número de investigações acadêmicas que destacam o diálogo entre os processos de identificação e o ciberespaço.

Nesse sentido, é possível acompanhar o desenvolvimento dessa temática se observarmos a participação de pesquisadores que trabalham com essa questão durante sua participação em eventos acadêmicos, de forma a perceber se houve um crescimento conforme avança-se sobre a pós-modernidade. Parte-se do pressuposto que o campo acadêmico possui um lugar privilegiado para a observação dos fenômenos. Valendo-se da metáfora do panóptico, pode-se dizer que a ciência está em um lugar privilegiado, que lhe permite observar os fenômenos com maior facilidade enquanto estes borbulham na sociedade.

Para tal, o estudo se propôs a realizar um levantamento quantitativo do tema e, entre seus critérios, focou seu recorte sobre os trabalhos apresentados nos Núcleos de Pesquisa com temáticas relacionadas à cibercultura (Tecnologia da informação até 2007 e Multimídia a partir de 2008) dos encontros nacionais da Sociedade Brasileira de Estudos

Interdisciplinares da Comunicação – Intercom. A escolha se justifica pelo evento congregar um número bastante elevado de pesquisadores anualmente, entre doutores e graduandos⁵.

A pesquisa buscou destacar obras que apresentassem por meio do cruzamento entre as palavras-chave de cada uma. Procurou-se evidenciar obras que trouxessem em suas linhas os verbetes “cultura” (ou exemplos de manifestações culturais), “identidade” (ou similares como identificação) e “Amazônia” (ou outra referência a localidade, como municípios ou estados). E, como resultado, pode-se perceber que há uma rotina de pesquisa da temática e que, recentemente, a questão amazônica aparece como temática específica e demonstra um pequeno crescimento (Gráfico 2).



PRIMEIRAS CONCLUSÕES

O que se pode observar foi que, mesmo inserida dentro de dinâmicas da Pós-Modernidade, a Amazônia não é uma questão recorrente, bem como a observância das identidades de uma forma geral. Entretanto, o pouco número de participação também tem relação com outros fatores centrais que não foram abarcados neste estudo, como a questão da pouca tradição de pesquisa em seu interior, havendo apenas três cursos de pós-graduação *strictu sensu* de existência extremamente recente. Além disso, esse mesmo recorte pode ser ampliado, buscando abarcar a temática desenvolvida dentro dos grupos da Intercom Junior dos encontros nacionais, bem como ampliar para a observação dos encontros regionais,

⁵ De acordo com o próprio portal da Intercom, em média, os encontros nacionais recebem 3500 participantes para debater os diversos temas relacionados à comunicação

supondo-se que esses fatores permitirão mostrar com mais clareza o desenvolvimento da questão das identificações relacionadas ao tema Amazônia.

Vale ressaltar que este é apenas um primeiro passo de pesquisa, em que o objeto empírico a ser observado ainda está em construção e, por isso, ainda impreciso de ser delimitado. A validade deste estudo serve para guiar caminhos e trazer novos questionamentos para direcionarem a pesquisa sobre novas trilhas a serem traçadas.

REFERÊNCIAS

A Rede. **Máquinas triplicam, mas acesso ainda é muito baixo:** Censo 2010 revela que apenas 31% dos domicílios brasileiros estão conectados à internet. Revista A Rede, nº 81, junho de 2012. Disponível em: <http://www.arede.inf.br/inclusao/edicoes-anteriores/191-edicao-no-81-junho2012/5574-conexao-social-maquinas-triplicam-mas-acesso-ainda-a-muito-baixo> (Acesso em: 28 de junho de 2012).

Anais da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom. Disponível em: http://www.portalintercom.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=1081&Itemid=125 (acessado em 28 de junho de 2012).

CASTRO, Fábio Fonseca de. **A etnogênese como dinâmica antimoderna.** Belém, 2010a (no prelo).

CASTRO, Fábio Fonseca de. **Desconstruções identitárias na Amazônia brasileira.** Belém, 2010b (no prelo).

DUTRA, Manoel da Sena. **A natureza da mídia:** os discursos da TV sobre a Amazônia, a biodiversidade e os povos da floresta. São Paulo: Anablume, 2009.

HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. 1ª edição atualizada. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. 410 p. (Humanitas).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo: Ed. 34, 1999.

LEMONS, André. **Cibercultura:** tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

RODRIGUES, Adriano Duarte. **Comunicação e cultura** – a experiência cultural na era da informação. 3ª edição. Editorial Presença: Lisboa, Junho 2010.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SPYER, Juliano. Web 2.0. In SPYER, Juliano (Org.). **Para entender a internet**: Noções, práticas e desafios da comunicação em rede. Não Zero, 2009. Disponível em: <http://paraentenderinternet.blogspot.com/> (Acesso em: 23 de março de 2010).